

## UMA INTRODUÇÃO AO LATIM BOTÂNICO POR MEIO DE UM TEXTO DE GUILHERME PISO

Prof. Dr. Francisco de Assis Florencio (UERJ)

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo apresentar uma introdução ao Latim Botânico (LB), a partir da análise de um trecho da *Historia Naturalis Brasiliae* (HNB). O trecho citado tem por título *De Vmbu Arbore Illiusque Facultatibus*, cujo autor é Willem Piso, ilustre médico alemão que veio ao Brasil na companhia do conde Maurício de Nassau e sua comitiva. Poderíamos ter escolhido qualquer texto de autoria de Piso presente na HNB, já que todos serviriam de exemplo para o LB, mas escolhemos o supracitado pelo fato de ele abordar uma árvore de vital importância para o povo nordestino: o umbuzeiro. O texto será apresentado em sua língua original, o latim, mas não o latim clássico, e sim uma variante dele, que se caracteriza por uma linguagem técnica, voltada principalmente para descrever e classificar animais e plantas, vindo a se tornar, no século XVIII, a língua da Botânica, principalmente na nomenclatura. Do ponto de vista teórico, fundamentamo-nos principalmente na obra *Botanical Latin*, de William T. Stear, sem nos olvidarmos, porém, de outras fontes. A título de cotejo, baseamo-nos especialmente em duas obras, que, provavelmente, foram consultadas por Piso: *Tratados da terra e gente do Brasil*, de Fernão Cardim e *Notícia do Brasil: Tratado descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Latim Botânico. Piso. História Natural do Brasil

## AN INTRODUCTION TO BOTANICAL LATIN THROUGH A TEXT BY GUILHERME PISO

**ABSTRACT:** This article aims to present an introduction to Botanical Latin (BL), based on the analysis of an excerpt from the *Historia Naturalis Brasiliae* (HNB). The quoted passage is titled *De Vmbu arbore Illiusque Facultatibus*, whose author is Willem Piso, a distinguished German physician who came to Brazil in the company of count Maurits of Nassau and his entourage. We could have chosen any text written by Piso present at HNB, as they would all serve as an example for the BL, but we chose the one mentioned above because it addresses a tree of vital importance for the people of the Northeast: umbu tree. The text will be presented in its original language, Latin, but not classical Latin, but a

variant of it, which is characterized by a technical language, mainly aimed at describing and classifying animals and plants, which became, in the 18<sup>th</sup> century, the language of Botany, mainly in nomenclature. From a theoretical point of view, we are based mainly on the work of *Botanical Latin*, by William T. Stear, without forgetting, however, others sources. As a comparison, we base ourselves especially on two works, which were probably consulted by Piso: *Treaties of the land and people of Brazil*, Fernão Cardim and *News from Brazil: Descriptive Treaty of Brazil in 1587*, by Gabriel Soares de Sousa.

**KEYWORDS:** Botanical Latin. Piso. Natural History of Brazil.

## 1. Introdução

Em um artigo anterior<sup>1</sup>, dissertamos sobre um texto do naturalista holandês, Jorge Marcgrave, retirado da obra *Historia Naturalis Brasiliae* (HNB). Agora nos debruçaremos sobre um excerto do texto daquele que veio com ele para o Brasil e que, como médico, dedicou-se aos estudos das doenças aqui existentes, quer fossem naturais da terra, quer tivessem sido trazidas pelos europeus, ou seja, Guilherme Piso. Veremos que o renomado físico não apenas fez uso da medicina outrora aprendida na Europa, mas também se utilizou da sabedoria indígena, em especial na maneira como os brasilienses – como ele assim os chamava - empregavam as plantas e as ervas para tratar das enfermidades que os afetavam. Nosso objetivo é apresentar ao estudioso de língua latina e a todos que por ela se interessam, por meio de um pequeno texto, um pouco do que se costuma chamar de Latim Botânico (LB) e que foi aquele usado pelos ilustres estudiosos da corte de Nassau para descrever a fauna e a flora brasileiras. Constataremos ainda que, em termos de léxico, este latim pouco se diferencia do latim clássico, inovando, porém, nos neologismos, nas construções, na morfologia e na semântica. Antes, porém, de nos aprofundarmos no texto do renomado físico, traçaremos uma linha histórica do LB, por meio da qual perceberemos como se deu o seu desenvolvimento espacial, temporal e linguístico. No que se refere ao espaço, veremos que o estudo das plantas e ervas no Ocidente se dá primeiramente na Grécia, tendo Teofrasto como a figura mais significativa. O deslocamento desta ciência para o Lácio e para a língua latina ocorre por meio dos escritos de Plínio, o Velho. Verificaremos ainda que a obra de Plínio influenciará, desde o século IV, a quase todos os herbalistas e naturalistas que enveredaram pelo caminho da ciência que, só com Lineu, veio a ser denominada de Botânica. No século XVIII, tomando como

---

<sup>1</sup>A Religião dos Indígenas Brasileiros conforme o texto de Marcgrave. Revista Philologus, Número 55.

base os estudos de muitos teóricos que o antecederam, o pai da Botânica Moderna, Carl Linnaeus, lança os fundamentos da Botânica e, graças a ele, a nomenclatura deste ramo científico passa a ser empregada em LB.

Apresentaremos em seguida a biografia de Piso e as obras por ele escritas e publicadas. Prosseguindo, abordaremos a controvérsia existente até hoje sobre a relação entre ele e Marcgrave. Há quem diga que a relação era conflituosa, sendo Piso o grande vilão da história; há, outros, porém, que argumentam que não havia nenhum tipo de arenga entre os dois estudiosos, e sim uma relação hierárquica que, com o tempo, parece ter se emparelhado.

No capítulo 4, apresentaremos, abordaremos e teceremos comentários, enfim, sobre o texto em latim escrito por Piso. Verificar-se-á que o latim do ilustre físico é predominantemente botânico, o que se comprovará por meio de neologismos, da linguagem técnica, da latinização de vários termos e das mudanças semânticas ocorridas na passagem do LC para o LB.

Não nos olvidamos, para facilitar o entendimento daqueles que estão dando os primeiros passos no estudo da língua latina, de apresentar, através de um apêndice, a nossa tradução do texto de Piso.

## **2. Latim Botânico**

Antes de o estudo das plantas chegar ao seu ápice na região do Lácio, ele já era desenvolvido na Grécia. No berço da ciência ocidental, o estudo das plantas dá seus primeiros passos com Teofrastode Eresos (370-285 a. C), discípulo de Aristóteles. Em Atenas, ele pôde desenvolver suas pesquisas sobre a flora num jardim botânico que havia sido fundado por seu mestre. Por cerca de dezenove séculos, os conceitos básicos da morfologia vegetal desenvolvidos por ele continuaram vigentes. Assim, termos como *calyx*, *gynoecium* e *androecium* passaram a fazer parte do vocabulário dos estudos sobre Botânica graças a ele. A sua influência no decorrer dos séculos foi tão significativa que, até o século dezessete d. C, vigorou o conceito por ele criado de que a flor era um conjunto de órgãos que circundam o órgão(o gineceu da Botânica moderna),que depois vem a se tornar o fruto ou a semente. (STEARN,1983 pp. 15-16).

Com sua obra *Historia Naturalis*, escrita no primeiro século d. C., Plínio, o Velho, foi o primeiro grande nome a estudar, traduzir e incorporar para o latim textos de Teofrasto. A contribuição de sua obra foi tão significativa que, durante a Idade Média, ela era frequentemente copiada, vindo a ser publicada pela primeira vez em 1469. Assim,

durante a Idade Média e o Renascimento, a obra de Plínio foi a grande fonte de consulta daqueles que enveredavam pelo caminho da Botânica, levando aos herbalistas do século XVI o conhecimento de nomes de plantas e de conceitos gregos. Graças ao seu legado, no LB atual ainda são empregados muitos termos que já estavam presentes em Plínio e que se referem principalmente aos caules, aos brotos e aos frutos. Muitos termos, porém, mudaram de significado, como veio a ocorrer com *pollen*, *corona* e *bractea*, que, em Plínio, significavam, respectivamente, ‘farinha fina’, ‘guirlanda’ e ‘lâmina ou folha metálica’ (STEARN, 1983 pp. 21-22).

Um destaque especial merece Isidoro de Sevilha (560-636 d. C.), que, escrevendo em latim, legou-nos a obra *Origines siue Etymologiae Libri*. Muitos termos ali presentes são oriundos da obra de Plínio. Os livros de Isidoro abordam várias áreas do conhecimento – entre elas, a agricultura. A grande inovação deste autor, no que se refere ao LB, foi o fato de ele apresentar – acredita-se que pela primeira vez – o vocábulo *botanicum*, que só veio a se estabelecer definitivamente como ciência no século XVIII (STEARN, 1983 pp. 22-23).

Alguns séculos depois, mais precisamente entre os séculos XII e XIII, dois religiosos produziram obras sobre as plantas: Alberto Magno e Rufino de Gênova. O primeiro empregou duas ou três palavras diferentes com praticamente o mesmo sentido. Assim, muitos termos botânicos ainda correntes nos dias de hoje eram então usados em sentidos muito diversos, e certas palavras possuíam um significado mais geral, abrangendo várias categorias morfológicas agora reconhecidas como distintas. Como exemplos, temos *folliculus*, que era usado por ele para designar tanto *calyx*, quanto *capsula* (STEARN, 1991, p. 23). Já o texto de Rufino é de especial interesse por ilustrar, muitas vezes, os equívocos presentes num texto medieval sobre ervas. Dentro destes equívocos, merece destaque o emprego do determinado *gamba*, ‘perna’, oriunda do latim vulgar, para designar o ‘caule’ ou o ‘tronco’, porém, sem nenhum registro anterior (STEARN, 1991, p. 26).

No século XVI, dois estudiosos se destacaram nas descrições das plantas: Valério Cordo e Leonhart Fuchs. O primeiro nos legou a *Historia Plantarum*, que contém a descrição de cerca de 500 espécies, a maioria para uso medicinal. Suas descrições eram tão minuciosas que as plantas por ele descritas podiam ser identificadas sem maiores dificuldades (STEARN, 1991, p. 26). Já seu contemporâneo, Fuchs, produziu a obra *De Historia Stirpium*, ilustrada por xilogravuras, rica em explicações de certos termos, mas

com descrições cheias de detalhes desnecessários. Esses termos permaneceram com os mesmos significados até então conhecidos (STEARN, 1991, p. 28).

Nos séculos XVII e XVIII, as funções das partes das flores foram melhor compreendidas, bem como o fornecimento de termos para elas. Os que se debruçaram nos estudos das plantas no século XVII foram favorecidos pelos avanços tecnológicos de seu tempo, em especial pelo desenvolvimento das lupas, o que fez com que as estruturas florais passassem a ser vistas de forma mais detalhada, levando os botânicos a quebrar a cabeça para designá-las. O primeiro grande nome deste período foi Malpighi. Embora poucos termos empregados por ele tenham sobrevivido na Botânica moderna, merece destaque o fato de ele ter estabelecido a palavra *calyx* como a cobertura externa verde da flor (STEARN, 1991, p. 29). O segundo autor é Camerarius, que inova ao provar a função sexual das partes internas das flores e de introduzir o método experimental na Botânica. O terceiro foi o matemático e botânico, Joachim Jung, que tentou dar à terminologia da Botânica algo de precisão matemática. Seu trabalho é muito formal em caráter e cheio de aforismos (STEARN, 1991, p. 30). Dando continuidade ao trabalho de Jung, encontramos ainda, na passagem do século XVII ao XVIII, o erudito John Ray. Ele escreveu em latim as suas obras sobre plantas, mas deu os seus equivalentes em inglês. É digno de nota o fato de que, até então, o termo *flos* ainda não tinha adquirido seu compreensivo significado botânico, uma vez que para esses estudiosos a ‘flor’ era composta de *corolla* e *androecium*, não estando incluídos ainda o *calyx* e o *gynoecium*. Joseph P. de Tournefort, na introdução de sua *Institutiones Rei Herbariae*, foi outro naturalista que contribuiu de forma notável para uma maior clareza na terminologia botânica. Em suas *Institutiones*, as partes florais e especialmente as formas da corola nas quais ele baseou amplamente sua classificação foram melhor definidas (STEARN, 1991, p. 32).

Os estudiosos de Botânica mencionados no parágrafo anterior muito influenciaram aquele que veio a ser o grande nome da Botânica moderna: Carl Linnaeus (1707-1778). Este fabuloso biólogo e enciclopedista lançou os fundamentos de seus estudos sob a égide e a influência de seus predecessores, em especial Jung e Tournefort, principalmente na obra *Fundamenta Botanica* (1736). A sua inovação se inicia, porém, ao selecionar, dentre os termos já utilizados por seus antecessores, aqueles que lhe pareceram mais adequados à linguagem da Botânica e acrescentar outros. Seus esforços incessantes para descrever os seres vivos estabeleceram as bases para os modernos sistemas científicos internacionais de classificação e nomeação de animais e plantas. Foi ele também quem

padronizou o sistema binominal da nomenclatura científica, a saber, o uso de duas palavras oriundas do latim ou latinizadas.

Muitas foram as obras produzidas por Linnaeus, dentre as quais destacamos: *Species Plantarum* (1753), que veio a ser o ponto de partida da nomenclatura da Botânica moderna; *Systema Naturae*, que já em 1758 havia chegado a sua 10ª edição e que lançou as bases para a nomenclatura animal; em 1750, Linnaeus expandiu os *Fundamenta Botanicae*, em 1751, publicou-o com o título *Philosophia Botanica*, o qual veio a ser o primeiro manual sobre Botânica sistemática descritiva.

Assim, no século XIX, o LB já possuía um vocabulário baseado no legado do século XVII, principalmente em Ray e Tournefort, mas ampliado e elaborado por Linnaeus e seus sucessores para atender às necessidades da maioria dos botânicos preocupados com as plantas com flores.

A partir de 1906, No Código de Viena, há uma proposta para que um nome científico só venha a ser validado se for acompanhado de uma diagnose em língua latina. Essa proposta passa a vigorar em primeiro de janeiro de 1908. Como o processo linguístico é dinâmico, não foi possível frear a influência da língua inglesa em todas as áreas do conhecimento, inclusive na Botânica. Assim sendo, em 2012, abriu-se a possibilidade de a diagnose, além do latim, ser feita também em inglês.

### 3. *Guilherme Piso*

Willem Piso nasceu em Leiden, em 1611 e faleceu em Amsterdã, com 67 anos. Formou-se em Medicina na França e, depois de formado, retornou à Holanda, onde conheceu De Laet, um dos diretores da Companhia das Índias Ocidentais (CIO), vindo depois a fazer parte da comitiva que acompanharia o conde Maurício de Nassau ao Brasil.

Enquanto o naturalista Marcgrave se dedicava a estudar a fauna, a flora, e a geografia brasileiras, além da meteorologia e da astronomia, Piso se debruçava nos estudos das plantas medicinais do Brasil, sem se esquecer, claro, das doenças aqui existentes: “(Ele) fornece dezenas de exemplos de conhecimento botânico e, especificamente, segredos da medicina obtidos por meio da observação de brasileiros em suas tarefas diárias.”<sup>2</sup> (WATTS, 2019, p. 291)

---

<sup>2</sup>... provides dozens of examples of botanical knowledge and specifically secrets of medicine obtained through the observation of Brazilians going about their daily tasks.

Por ter encontrado erros na publicação da HNB (1648), de De Laet, - os defeitos presentes na obra se referiam principalmente aos desenhos, pois ou eram oriundos de outras obras ou estavam situados erradamente no texto - Piso resolve preparar uma segunda edição desta obra, cujo título é *De Indiae utriusque re naturali et medica*. Segundo Lichtenstein, “As falhas principais do livro de Marcgrave, a saber, a infidelidade das xilogravuras e a sua confusão, não foram corrigidas por Piso, ...” (1961, p. 140). A obra, composta de catorze livros, foi publicada em Amsterdã, em 1658, e assim se encontrava dividida: seis do próprio Piso, onde encontramos, misturados aos temas de Marcgrave sobre fauna e flora, trabalhos seus sobre medicina; dois compostos pelo jovem alemão: 1) Tratado topográfico e meteorológico do Brasil; 2) um comentário sobre as características físicas, linguísticas etc., dos nativos brasilienses e chilenos; e seis de Bontius sobre a história natural e médica das Índias Orientais. Os especialistas, ao compararem as duas versões, chegaram à conclusão de que o texto de Piso é inferior ao de De Laet e, por isso, a versão deste passou a ser preferida entre os estudiosos e foi ela que immortalizou Marcgrave, sem que isso, contudo, viesse a desabonar a contribuição de Piso: “[...] Redi reconhecia a ‘autoridade’ do médico holandês Guilherme Piso, considerado um dos fundadores da medicina tropical, e a importância das pesquisas realizadas no Brasil, na primeira metade do século XVII.” (CAMPHORA, 2017, p. 69).

Embora a HNB tenha sido escrita por Piso e Marcgrave e publicada por De Laet, não se sabe até hoje se a relação entre os dois primeiros era boa ou conturbada. Há vários comentários a esse respeito. Uns dizem que Piso sempre olhou para Marcgrave como alguém que lhe era inferior, razão pela qual o chama de *domesticus* no prefácio da HNB. O uso deste determinante vem causando desconforto e, até nossos dias, não se chegou a uma exata interpretação a seu respeito. Aqueles que defendem que a relação entre o físico holandês e o naturalista alemão era amistosa o interpretam como ‘companheiro’; já para aqueles que veem Piso como o vilão da história, a interpretação deve ser ‘subalterno’; uma maneira, portanto, de diminuir a figura e a importância da pessoa de Marcgrave. Não queremos nos aprofundar em questões que nunca foram resolvidas e que apenas suscitam desavenças. Preferimos transcrever as palavras do próprio Piso a respeito de Marcgrave. Primeiramente, aquele, por ter formação acadêmica, ocupa uma posição superior a este:

E para poder prestar conta das funções públicas e privadas, resolveram me atribuir como adjuntos os alemães Jorge Marcgrave e H. Gralítzio, candidatos à Medicina e à Matemática. Este foi vitimado por morte prematura. Aquele, durante seis anos

explorou perseverante as regiões mediterrâneas (PISO, Ao Benévolo Leitor - HNB).

Nesta primeira fala, não encontramos nada de comprometedor ou que sugerisse que o físico holandês tratasse ou considerasse o naturalista alemão inferior. O que fica claro aqui é a definição das posições hierárquicas, o que era decidido pela Companhia das Índias Ocidentais (CIO), e não por Piso.

Falando agora especificamente de Marcgrave, o médico assim testifica:

Sustentado primeiro pelos meus subsídios e depois pelos do Ilustre Conde, animosamente desempenhou as suas funções relativas a observações geográficas, astronômicas e de História Natural. E, por fim, transferindo-se para a África, lá sucumbiu. ((Idem, ibidem).

Aqui também nada encontramos que maculasse a imagem do ilustre naturalista. Algo que levanta suspeitas é o fato de primeiramente o salário de Marcgrave ser pago por Piso e depois por Maurício de Nassau. Pensa-se que isso veio a ocorrer em razão de o alemão ter caído nas graças do conde e o holandês ter perdido, por intrigas na CIO, prestígio junto ao futuro príncipe.

Por fim, vejamos mais um comentário de Piso a respeito de Marcgrave:

Mas para que não percesse a memória desse varão, cuidei de entregar, mediante o ilustríssimo Maurício de Nassau, as observações astronômicas ao preclaro senhor professor Gólio, para algum dia as publicar; e a História Natural, aos cuidados do prestantíssimo varão J. de Laet ... (Idem, ibidem).

Percebemos, mais uma vez, que a memória de Marcgrave é deveras respeitada e considerada e que Piso, de posse de seus escritos, cifras e desenhos, entregou-os a quem de direito para que eles fossem publicados e legados à posteridade.

#### **4. Texto em latim e comentários**

##### *DE VMBV ARBORE ILLIVSQUE FACVLTATIBUS*

*Unicam tantum ex hoc arborum genere in habitata Brasiliae parte, hactenus conspicere licuit in pago **Iguaraca** excultam: dissitae autem sylvae inter Guoianam et Paraybam fluiuos iis luxuriant. E longínquo prospicienti, magnitudine, structura et*



*fructu, parua citrus uel limonia uidetur. Trunco est fere nullo, sed ramis multis tortuosis, imbelle quidem fabricatis diuiditur. Folia fert haud magna, laeua, laeteque uirentia, gustu autem acida et adstringentia; florem albicantem, fructum ex albo flavescentem, pruno maiori similem, sed carne duriori, licet pauca, quod intus Magnum contineat lapidem, sicut fructus **acaja**, qui, si maturuerit, quod fit mensibus pluuiis, saporis fit gratissimi ex acido dulcis; sin minus, adeo austerus, ut stuporem dentibus inferat. Proindeque tunc eidem usui cui folia, scilicet ad refrigerandum et adstringendum reseruantur. Radix autem, cui peculiare quid prae caeteris arborum radicibus concessum, imprimis est notanda; quod longe laeteque, in diversa et crassa, ponderosa molis tubera sub terra luxuriet; si pondus, figuram atque colorem, exterius cinereum, consideres, maiores radices **batatae** aut **inhyamae** dices. A quibus tamen ablata leui pellicula, differunt; quippe interius conspiciuntur niuei coloris, molli turgidaque medula, cucurbitae plane simili, quae manducata, in aquosum, frigidum succum, cumque dulcissimum atque palato gratissimum, soluitur. Febricitantes, aestuantes peregrinatores mirifice reficit, ut ipse quampluries sum expertus; neque aquae dulcedine et salubritate citrullo cedit.*

Logo no título encontramos o primeiro exemplo de latim botânico: ‘umbu’. Segundo Gregório (1961, p. 1254), o termo é oriundo do tupi, *mbo*, *mo*= fazer + *u*, que aqui, por metaplasmo, está no lugar de *y*, ‘água’; logo, ‘fazer água’, ‘dar água’, uma referência clara ao caráter aquoso da planta, quer seja do seu fruto, quer seja da sua raiz, conforme se verá mais adiante. Ao latinizá-la, Piso, em razão de ela terminar pela vogal temática (VT) -*u*, vai decliná-la como uma palavra da quarta declinação. Ainda no título, merece destaque também uma palavra que aparecerá em abundância na HNB: ‘*facultas*’. Segundo Forcellini (1828, p. 749, cuja fonte é Celso, “chama-se de *facultas* ao poder que está presente nos remédios, nas ervas e em outras coisas para curar.”<sup>3</sup> A partir desta definição, percebemos que o médico holandês, ao fazer uso deste vocábulo, refere-se às qualidades, às propriedades terapêuticas das plantas descritas por ele; aqui, em especial, ao uso medicinal do umbu.

Em seguida, o célebre físico chama a atenção para o fato de que até aquele momento em que ele escreve só se ter encontrado um único pé de umbu num vilarejo (*in pago Iguaraca*), enfatizando, logo depois, o caráter silvestre desta árvore: é encontrada

---

<sup>3</sup> ... dicitur *facultas* virtus, quae inest in medicamentis, herbis, aliisque rebus ad sanandum.”

em abundância entre as matas que se estendem entre os rios Goiana e Paraíba, a saber, entre Pernambuco e Paraíba.

Como poderemos perceber, muito antes da nomenclatura científica entrar em vigor (Lineu, 1753), os naturalistas já haviam latinizado muitos nomes geográficos. Aqui, em especial, encontramos os topônimos *Brasiliae*, *Iguaraca*, *Guoianam* e *Paraybam*, todos declinados de acordo com a língua latina.

O topônimo ‘Brasil’, latinizado como *Brasilia*, é de etimologia controversa até os nossos dias, mas com certeza é oriundo da árvore pau-brasil. Como inúmeras são as veredas etimológicas, nos concentraremos apenas em três: a de origem germânica, a de origem portuguesa e a oriunda do tupi. Se seguirmos a primeira possibilidade, o vocábulo teria vindo de *bras*, ‘fogo’, em germânico, uma referência clara ao ‘vermelho brasa’ da árvore. Quanto à vertente a favor do português, o nome teria vindo de ‘brasa’ mais o sufixo ‘il’. Gregório dá-nos a atender que a controversa existe desde os primórdios do descobrimento e, conseqüentemente, da exploração do pau-brasil:

**Brasil**, nome de pau-vermelho (cerne vermelho vivo com manchas escuras) ligado ao germânico **brasa**, de denominação indígena **ibirapitanga** (árvore ou pau-vermelho, ver **ybyrá**) é parecido com o existente em Sumatra (Indonésia), com o nome persa **bakhan** (ardente), no sânscrito **patanga**= vermelho (tupi pitanga) [...] (GREGÓRIO, 1961, v. 3, p. 485)

A forma empregada por Piso, *Iguaraca*, é, na verdade ‘Iguaraçu’, corruptela de *Igaraçu*, de origem tupi e cujo significado é ‘canoa grande’. Aqui ele se refere à Vila de Iguaraçu, hoje município de Igarassu, que foi a primeira povoação das terras pernambucanas (GREGÓRIO, 1961, v. 3, p. 1236).

Já *Guoianam*, rio do estado de Pernambuco, tem sua origem em *Goi (ás)*, nome de uma tribo, mais o sufixo *-ana*. Literalmente, ‘descendente dos *goiás*’.

Por fim, encontramos *Paraybam*, rio que banha o estado da Paraíba e que até hoje é de grande importância para as maiores cidades do estado. Quanto à sua etimologia, Navarro (2013, p. 590) registra apenas *pará* + *aíb* + *a*: rio ruim; Gregório (1961, v. 3, p. 1007), citando outros autores, apresenta-nos mais duas possibilidades: ‘geratriz do mar’ e ‘braço de mar’.

Embora já existisse no latim clássico (LC) com o mesmo significado, *magnitudine* (‘em tamanho’) é um substantivo bastante corrente nos textos de LB. Como

ocorre aqui, ele, na maioria das vezes, se apresenta no ablativo, denotando uma ideia de relação ou ponto de vista.

Ao dizer que, ‘visto de longe’ (*E longinquo prospicienti*), o umbuzeiro se parece com um limoeiro (*parua citrus uel limonia uidetur*), o célebre médico faz uso da sinonímia para designar esta árvore. Para tanto, ele primeiramente nomeia o limoeiro por meio de *citrus*, forma já conhecida entre os latinos, mas que aqui é acompanhada pelo significante *parva*, uma vez que um pé de umbu é menor que um pé de limão; o segundo vocábulo usado pelo autor é *limonia*, termo já conhecido por Plínio (Hist. Nat. 22,43) e que vem do grego *λειμονεια*, que, por sua vez, deve ter sido tomado de empréstimo ao persalimu ou *laimun* (AULETE, 2011, p. 856). Piso deve estar se referindo ao limoeiro comum, conhecido hoje na nomenclatura científica por *Citrus limonum uulgaris*.

Após a comparação, ele começa a descrição do umbuzeiro propriamente dita. Ela se inicia pelo tronco (*trunco*), que é descrito como bastante curto; em seguida, descreve os galhos, muito tortuosos (*multis tortuosis*) e, por isso, não muito vistosos (*imbelle quidem fabricatis*). Em seguida, ele passa a descrever as folhas: curtas, lisas e de cor tirante à verde. Ao falar da cor, o estudioso holandês faz uso, para descrevê-la, do advérbio *laete*, que é bastante empregado no LB e que corresponde ao nosso sufixo ‘-ado’, denotando, por isso, a ideia de ‘um tanto de’, ‘semelhante a’, ou seja, ‘esverdeadas’. Prosseguindo com a descrição, encontramos dois adjetivos que descrevem o gosto das folhas dopé de umbu: ‘ácidas’ e ‘adstringentes’. O primeiro, embora bastante usado no LB, é de uso comum e não apresenta muita dificuldade para o leitor acostumado com o LC; o segundo, porém, é próprio da linguagem técnica da Medicina, da Botânica e é oriundo do verbo *adstringere* (*ad + stringere*), que significa literalmente ‘apertar’, ‘reduzir’, pois o suco do umbu, assim como o do caju “... provoca constrição dos tecidos e diminui as secreções” (AULETE, 2011, p. 49).

Continuando a descrição, destacaremos a preocupação do físico em ressaltar a cor da flor e do fruto que esta árvore produz. A flor é descrita como *albicantem*, ‘branca’. Mas não é um ‘branco’ qualquer, mas sim com uma tonalidade menos clara, por exemplo, que *niveus*, que é ‘branco como a neve’. Já a tonalidade do fruto é *ex albo flavescentem*, ou seja, ‘de um branco amarelado’. Quanto à cor da casca do umbu, vejamos uma descrição atual e com bases científicas: “O fruto apresenta epicarpo de espessura variável, de cor amarelo-esverdeada” (ARAÚJO et alii, 2009). Acreditamos que a explicação para o médico holandês ter se equivocado quanto à cor do fruto se deva ao seu alto grau de maturação, uma vez que quanto mais maduro, mais claro o fruto ficará, o que se pode

comprovar com as palavras de Navarro ao falar do umbuzeiro: “... o qual tem casca e polpa muito amarelas, quando maduro.” (2013, p. 497).

Ao dizer que o umbu é “semelhante a uma ameixa grande”, o autor está falando, pela descrição, da ameixa amarela ou nêspira. Era bem comum, entre os naturalistas e físicos europeus, a comparação entre a fauna e a florado Novo Mundo e as do Velho. Provavelmente isso facilitava o entendimento do leitor que desconhecia as espécies descritas, como ratifica o professor Van Groesen:

O estilo narrativo da HNB utilizou repetidamente esta estratégia de comparação para atrair seus leitores para as espécies e elementos da Botânica com os quais eles já estavam familiarizados, de modo a aproximá-los de certas características de plantas e de frutos que eles nunca tinham visto ou conhecido. (2014)<sup>4</sup>

Continuando a comparação com a fruta europeia, passa-se para a parte que a nomenclatura científica passou a chamar de ‘mesocarpo’ e que, Piso, seguindo Plínio – como veremos mais abaixo - chamou de ‘carne’, ou seja, a parte comestível, a polpa da fruta. Segundo ele, a polpa do umbu era mais dura (*duriori*) e em menor quantidade (*pauca*) que a da nêspira.

Em seguida, a comparação se dá com uma fruta brasileira, o ‘acajá’, do tupi *akaiá* ou *kaiá*, que, assim como o umbu, é do gênero *spondias*. Embora existam várias espécies de cajá no Brasil, acreditamos, pela ênfase no tamanho do caroço (*magnum lapidem*), que o físico está se referindo ao ‘cajazeiro’, abundante no Nordeste e cujo nome científico é *spondias mombin*, segundo Lineu. Para designar o ‘caroço’, o físico, assim como Marcgrave<sup>5</sup>, faz uso de um termo muito pouco técnico, *lapidem*, que literalmente significa ‘pedra’, uma clara referência ao fato de ambos serem duros. Em Plínio, porém, o substantivo *lapis* não aparece com essa acepção. Em seu lugar, o naturalista romano faz uso de *lignum*, que serve para designar a parte dura do fruto coberta pela polpa, podendo, por isso, ora ser traduzido por ‘semente’, ora por ‘caroço: “Em ambos, porém, nasce primeiro a polpa do fruto; em seguida, dentro, o caroço, isto é, a sua semente.” (Plínio, HN, liber xiii, capitulum iv).

<sup>4</sup>The narrative style of HNB repeatedly used this strategy of comparison to draw its readers toward species and botanical elements with which they were already familiar, so as to bring them closer to certain traits of plants and fruits they had never before seen or experienced.

<sup>5</sup> “Intus continet lapidem figura baccae lauri, durum ...” (HNB, Cap. X)

<sup>6</sup>Utrisque autem prima nascitur pomi caro; postea lignum intus, hoc est semen eius.

Ao falar do fruto já amadurecido, o que acontece—segundo Marcgrave – em janeiro e fevereiro<sup>7</sup>, o autor destaca o seu sabor agridoce. Ressalta, porém, que quando ainda não está maduro, é tão azedo que chega a deixar os dentes entorpecidos. Nesse caso, Piso nos diz que ele é guardado para que se faça um suco. Ainda que ele não nomeie esse suco, sabe-se que estar a falar da famosa ‘umbuzada’ ou ‘imbuzada’. Esta iguaria nordestina consiste em se cozer o fruto do umbu com leite e açúcar, produzindo-se, desta mistura, um delicioso refresco.

A partir de *radix*, dá-se início à descrição do sistema radicular do umbu. Ao fazê-lo, Piso chama a atenção para o fato de “as raízes naturais” (SOUSA, Tratado Descritivo do Brasil, p. 192) produzirem ‘túberas’ (de *tuber*, *-eris*: ‘tumor’, ‘inchaço’) que são “... intumescências redondas, de consistência esponjosa, ricas em água e sais minerais (ARAÚJO et Alii, p. 461).

Ao descrever o ‘peso’ (*pondus*), a ‘forma’ (*figuram*) e a ‘cor cinzenta’ (*colorem cinereum*) das raízes do umbu, o autor faz uma comparação entre as suas raízes e as da ‘batata’ e do ‘inhame’; a única diferença entre elas está no tamanho, uma vez que as raízes do umbuzeiro são maiores que as das outras duas. Em seguida, o físico faz mais uma distinção entre as raízes: ao retirar-se a película que cobre a raiz do umbu, ela, diferentemente das outras duas, apresenta-se mais branca (*nivei coloris*) e sua polpa é mais mole e túrgida. Interessante é a comparação que o ilustre estudioso faz em seguida: *cucurbitae plane simili*. Ao procurarmos num dicionário de latim clássico o vocábulo *cucurbita*, descobrimos que se trata da ‘abóbora’ e, claro, quanto à aparência, é com esta que a raiz do umbu parece. Ao falar, porém, do seu sabor: “in aquosum, frigidum succum, cumque dulcissimum atque palato gratissimum, soluitur”, percebe-se que essa descrição vai ao encontro, na verdade, de uma outra hortaliça que também é da família das cucurbitáceas e sobre a qual falaremos mais adiante. Além disso, Piso – assim como deve ter feito com o texto de Soares de Sousa – provavelmente também fez uso do texto de um outro autor que o precedeu para construir o seu: Fernão Cardim. Este, ao falar do sabor das raízes do umbu, diz-nos que “... são mais gostosas e mais saborosas que a balancia (sic), porque são mais doces e a doçura parece de açúcar.” (Tratados da Terra e Gente do Brasil, 1939, p. 61).

Por fim, o ilustre médico conclui o seu texto destacando as virtudes medicinais das raízes do umbuzeiro. Aqui, mais uma vez, parece retomar a fala de Fernão Cardim,

---

<sup>7</sup>“... maturus januario & februaryo fponde decidit & colligitur.” (HNB, Cap. VIII).

que diz: “... e dão-se aos doentes de febres; e aos que vão para o sertão serve de água quando não têm outra.”(Tratados da Terra e Gente do Brasil, 1939, p. 61). Piso, embora tenha sido literal quanto à descrição dos primeiros necessitados da água oriunda das raízes do umbu (*febrificantes*), pormenoriza – diferentemente de Cardim – o segundo grupo: *aestuantes peregrinadores*, citando a si mesmo como exemplo. Por fim, diz-nos, assim como já fizera Cardim, que o suco do umbu em nada fica a dever emdoçura (*dulcidine*) e salubridade (*salubritate*) ao da melancia (*citrullo*).

### 5. *Considerações finais*

Iniciamos a conclusão deste artigo com as palavras de Waquet: “Há uma ciência que, na era moderna, estabeleceu-se inteiramente em latim (pelo menos no que diz respeito à terminologia): a Botânica<sup>8</sup>.” (2001, p. 93). Com esta afirmação, percebemos o quão importante foi o latim para o desenvolvimento e o estabelecimento da Botânica. No caso do Brasil holandês, tanto Marcgrave quanto Piso precisavam de uma língua que levasse à Europa e ao mundo o conhecimento da fauna e da flora brasilienses e essa língua, sem dúvida, não era o alemão, o holandês e muito menos uma língua neolatina, uma vez que essas línguas eram mais úteis para tratados, cartas etc. Era preciso uma língua erudita, de cultura universal, de caráter científico e que pudesse ser entendida pelos estudiosos e naturalistas da época. Assim sendo, a língua latina, que já era empregada para esse fim nos séculos anteriores, começa a assumir cada vez mais um papel de protagonista e, no século XVIII, com Lineu, assume de vez a sua posição de língua de ciência.

Ao analisarmos especificamente o trecho sobre o umbu, retirado da HNB, vimos que, ainda que alguns autores já tivessem feito a descrição deste fruto e, provavelmente, Piso já os conhecesse, ele inova por realizar uma análise do ponto de vista médico-naturalista. Desse modo, fica claro que a sua visão não é de um mero religioso, de um simples cronista que tinha por objetivo principal descrever a natureza do Novo Mundo, mas o seu olhar era de um cientista, ou seja, de alguém que queria observar, pesquisar, estudar e também dividir conhecimento com os aborígenes.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ARAUJO, F. P. et alii. *UMBU*. Disponível em: <https://www.embrapa.gov.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/657761/umbu>

---

<sup>8</sup>There is one Science that, in the modern era, established itself entirely in Latin (anyway so far as terminology is concerned): botany

- AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Organizado por Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.
- CAMPFORA, Ana Lucia. *Animais e Sociedade no Brasil dos Séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: Abramvet/Camphora, 2017.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Organizado por Ana Maria de Azevedo. São Paulo: Editora Hedra Ltda, 2009.
- FLORENCIO, Francisco de Assis. *A Religião dos Indígenas Brasileiros conforme o texto de Marcgrave*. Revista Philologus, Número 55. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO26/78/04.pdf>
- FORCELLINI, Egidio. *Totius Latinitatis Lexicon*. Volume 1. Lyon: Sumptibus Baldwin et Cradock, 1828.
- GREGÓRIO, Irmão José. *CONTRIBUIÇÃO INDÍGENA AO BRASIL: Lendas e tradições, usos e costumes, fauna e flora, língua, raízes, toponímia, vocabulário*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980. 3 volumes.
- GROESEN, Michiel Van. *The Legacy of Dutch Brazil*. New York: Cambridge University Press, 2014.
- LICHTENSTEIN, Martin Heinrich Karl. *Estudo crítico dos trabalhos de Marcgrave e Piso sobre a história natural do Brasil à luz dos desenhos originais*. v. II. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1961.
- MARCGRAF, George & PISO, Willem. *Historia Naturalis Brasiliae: in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Amsterdam: Elsevier. Editado e anotado por Johannes de Laet, 1648.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Tupi Antigo – A língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global Editora, 2013.
- PISO, Willem. *De Indiae utriusque re naturali et medica libri quatuordecim*. Amsterdam: Elsevier, 1658.
- \_\_\_\_\_ & Marcgraf, G. *História Natural do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. Tradução de José Procópio de Magalhães, sem números nas páginas, 1942 [1648].
- PLINY. *Natural History*. Volume IV, books 12-16. Translated by H. Rackham. Massachusetts: Harvard University Press, 1994.
- SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil: Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2001.

STEARN, William T. *Botanical Latin: History, Grammar, Syntax, Terminology and Vocabulary*. Great Britain: Timber Press, 1995.

WAQUET, Françoise. *Latim or the Empire of a Sign: From the sixteenth to the twentieth centuries*. Translated by John Howe. London: Verso, 2001.

WATTS, Matthew B. *Plants, Profits, People: Dutch Botany in Brazil And India, 1600-1700*. Whashington: Amazon.com.,2019. E-book Kindle.

### **APÊNDICE - TRADUÇÃO**

*Na parte habitada do Brasil, só se viu até agora apenas um único exemplar deste gênero de árvores, cultivada na vila de Igarassu. Porém, as matas espalhadas entre os rios Goiana e Paraíba estão cheias deles (umbuzeiros). Olhando de longe, parece, no tamanho, na estrutura, e no fruto, um pequeno citro ou limoeiro. Ele (umbuzeiro) quase não tem tronco, mas é dividido em muitos ramos tortuosos, os quais não são bem constituídos. Dá folhas não longas, lisas, esverdeadas, ácidas e adstringentes quanto ao gosto; produz ainda uma flor esbranquiçada, um fruto de um branco amarelado semelhante a uma ameixa grande, porém com a poupa mais dura, embora pouca, que tem um grande caroço dentro, como o fruto do cajá, o qual, quando amadurece, o que costuma acontecer nos meses chuvosos, é de um agradabilíssimo sabor acre-doce. Antes, porém, é tão azedo que leva entorpecimento aos dentes. Razão pela qual tem o mesmo uso das folhas, ou seja, são guardados para refrescar e adstringir. A raiz, porém, é conhecida principalmente por possuir algo peculiar que excede as raízes de todas as outras árvores; uma vez que produzem, embaixo da terra e por grande extensão, túberas grossas e de massa pesada; se se levar em conta o peso, a forma e a cor cinzenta por fora, dir-se-á que as suas raízes são maiores do que as de batata e inhame. Diferem destas, porém, quando se retira a fina casca; pois, vistas por dentro, são de uma cor nêvea e a medula é macia e intumescida, muito semelhante ada abóbora, a qual, quando comida, libera um suco aquoso, gelado e sempre dulcíssimo e agradabilíssimo ao paladar. Restabelece de maneira admirável os que estão com febre ou os viajantes que estão com muito calor, assim como eu mesmo muitas vezes experimentei. Não fica devendo nada à melancia quanto à doçura da sua água e à sua salubridade.*